

CATEGORIA: *Prosa*

2º prémio

MANUEL

Marta Azevedo

Converso com Deus dentro da minha boca. Está sentado ao meu lado, a sua perna desenha o contorno da minha. Hoje acordei finalmente feita à sua imagem. Mexo a língua devagar, para que ninguém veja que algo se move lá dentro. Sempre que ele fala pouso-a no chão da boca e inclino os olhos para baixo. Pensei que o sacrifício dele acabasse com todos os outros, mas quando o anjo chegou o meu Isaac já estava morto. Sinto-me observada pelos nossos filhos. O dele não passou pela lavagem automática do negócio dos mortos e a violência tranquila e a verticalidade do seu sono eterno espremem-me subitamente o esófago. Rodo a cabeça para o lado – mais rápido do que seria natural se estivesse sozinha – e concentro o olhar no espaço onde está a cabeça dele. Quero confortá-lo. Confessar-me. Expiar a minha culpa. Culpá-lo. Perguntar-lhe se chegou a enviar alguém. Segurar-lhe a mão se responder que não. A maior das soberbas. Quero perdoar o pai do perdão.

É mais fácil acreditar quando está toda a gente a cantar.

Arrasto os olhos do chão até aos pés do caixão. *Uma em madeira de pinho, folheada a mogno, lisa, com ferragem.* A conversa acaba quando o faço desaparecer. Nos meus olhos foi como um virar de costas. Não sabia que a madeira de pinho era folheável a mogno, nem para que servirá a ferragem. Quando o João apontou a urna número seis no catálogo da funerária tive vontade de fazer a graça, mas contive-me para não chocar a minha sogra. Ou para não me chocar a mim própria, não sei bem.

A culpa esgana-me. Centenas de pormenores e de decisões banais, aglutinados como carruagens de um comboio. Um homem com um bigode garrido e antiquado disse-me que tinha lá estado. Tinha o olhar escondido nas nossas mãos, as dele e as minhas, que apertava com um receio inocente, como quem segura uma torre de legos demasiado ambiciosa. A pena passava das mãos dele para as minhas como choques eléctricos. Tinha acabado de almoçar. A imagem que guardo da morte dele é o corpo estendido, a chamar por nós, e um homem estranho a segurar-lhe a mão. Eu não estava lá para apagar o medo e o meu nome dos gritos dele e este homem ouviu-os. Está estendido numa cama que já foi de muitos e a mão sapuda e nervosa de um estranho envolve a dele. Um estranho com um bigode onde imagino pingos de sopa enforcados a secar ao sol.

Vejo a cabeça e parte do peito do caixão e o nariz dele a espreitar. O tecido que o forra, e que parece querer escapar-lhe por todos os lados, é rendado. Que desperdício. O verniz exaspera-me. Preferia que fosse uma caixa de madeira polida, com uma tábua por cima, uma tampa sem lustre que cobrisse aquele corpo encerado e o seu meio sorriso de conveniência destinado à eternidade. O paradoxo mais óbvio do dia não sou eu, afinal.

Ou então uma pedra, essa solução tão cristã.

O João está junto a mim e quer saber se tenho frio. Não espera pela resposta nem insiste na pergunta. Parece esquecer-se do que foi dito assim que volta a juntar os lábios. Abandona-me as mãos sobre o braço, pede-me que tome conta delas com o movimento em câmara lenta das pestanas, e volta-se para a urna. O olhar encolhe-se como se lhe tivessem apontado uma lanterna ao nariz ou como se algo asqueroso se tivesse materializado subitamente sobre o altar. Procuo o sacerdote entre os arranjos, mas ele não está lá.

Tem idade e óculos de padre. O João gosta dele. Gaba-lhe sempre a energia, as leituras, o arrojo e a pontaria para a malha. Cruzámo-nos à entrada da sacristia, há pouco. Trazia um *Príncipezinho* gasto entalado no sovaco. Ele que se atreva.

Um copo cheio de flores suicida-se contra o granito frio. O estrondo dá novo alento ao pranto da minha mãe, enquanto a água se espalha pelo chão. Alguém enfiou um jardim inteiro dentro do recipiente. Homicídio premeditado. Assusto-me e forço-me pela primeira vez desde que entrei a engolir uma tímida vontade de chorar. Não é tristeza. São as coroas dispostas de forma a que a sua disposição e o seu dispositor não passem despercebidos, as velas que parecem cortar a luz espontânea em vez de a corroborar, a cor que não é a dele, a pele, nova e lisa, maquilhada como uma adolescente. Todo este aparente arranjo do mundo à volta do maior dos desalinhos. A morte nos tempos da penicilina. Os cacos são um alívio. Dói-me o esforço que me cala as mãos e impede que estoire nos meus olhos o conforto da mácula. A minha mãe é mais fraca e infinitamente melhor do que eu.

O João continua debruçado sobre si mesmo. Deitou a cabeça nas mãos há cinco minutos e parece ter conseguido adormecer. Devia levantar-me, pousar os lábios sobre o cabelo dele, comprimi-los, esperar que um ou dois

fios se me colem aos lábios em retirada e caminhar para a porta para substituí-lo. Levanto-me e começo a caminhar para a porta para o substituir.

Entretanto, o caixão entra, inteiro e sem convite, dentro dos meus olhos. Acelero os dedos, ainda antes da curva, para que do choque das unhas com as palmas das mãos resulte pelo menos um ferido grave que me distraia. Entro na nave.

Não tinha percebido ainda que não era como os outros. Os outros não passariam pela porta.

Distribuem-se à volta de labaredas que não vejo, junto às árvores, e usam sapatos e rostos desconfortáveis. Parecem pequenas sociedades secretas nos seus fatos sombrios e anéis fechados. Alguns prendem as mãos no interior dos cotovelos contrários. Pode ser do frio, afinal não há fogueira nenhuma. Ou o embaraço que, como se sabe, atinge sempre as mãos primeiro.

Vêm-me. Devem ter amaciador nas glândulas, os olhos ficam brilhantes e suaves à minha passagem. Ninguém se mexe, ainda que os corpos se virem na minha direcção, as cabeças se inclinem cinco graus na direcção das costas e onze na direcção dos ombros esquerdos, ainda que os umbigos pareçam sugar o ar dos peitos e todos os semblantes me sussurrem um lugar-comum. Não os culparia se caíssem no cliché, é um buraco demasiado grande, cercado por terrenos escorregadios. São a minha família, são os meus amigos, são os amigos e a família do João, devem ser aí uns setenta e ainda são dez menos um quarto. São setenta cobardes. Estou à porta da igreja, está frio, deixei o casaco no banco porque o João estava sentado em cima de um dos bolsos e não lhe quis tocar, estou zangada, tenho os sentidos narcotizados pela dor mas diria que estou com frio, estou cansada e tenho cento e quarenta pés paráliticos à minha volta.

As estátuas entreolham-se, procurando uma vítima consensual. A minha irmã dá um passo para o lado e vê-se desterrada, expulsa do seu círculo pela consciência que lhe corre nas veias, com um sorriso virado do avesso cravado no rosto de pedra. Aproxima-se, pousa as mãos nos meus braços, imediatamente acima dos cotovelos e mente-me. Não lhe respondo e

instala-se entre nós uma estranheza que lhe desarruma as mãos. Coça o nariz, como se o estivesse a medir. Qual pinóquio.

Digo-lhe que estou com frio, que vou para dentro. Anui, chama-me querida.

Foge-me pelas narinas um sorriso seco, endurecido pela imobilidade da minha boca. Olha-me com uma mistura de choque e medo, como se tivesse ouvido o ar expelido dizer “poupa-me”.

Volto-me e esbarro com o peito do João. Depois do reflexo assustado a ter empurrado para trás ligeiramente, volto a encostar a bochecha à camisola dele. A lã abraça-me. Aconchego-me e sinto o peso dos braços do meu marido nas omoplatas. Quarenta e três horas depois sinto pela primeira vez que é possível. A ternura começa a crescer a partir do útero. Estou apoiada no corpo de outra pessoa e não sinto arrepios de nojo a subir e a descer no elevador da minha espinha.

Trago os braços para o meio de nós. Encosto a minha boca à faringe maltratada pelos soluços e peço-lhe que não morra. Mas as cordas vocais vibram no cocuruto da minha cabeça. Continua a querer saber se tenho frio.

Com as costas, empurro-lhe os braços até ao limite. Continuo rodeada por eles, mas consigo ver-lhe o rosto vermelho e dilatado. A dor é quente. A pele ferve-lhe junto às pestanas. Escondo o rosto no seu peito como uma criança envergonhada e toda a ternura que sinto perde-se na velocidade do movimento.

De repente está ao meu lado sem que eu tivesse sequer reparado que se mexera. Nunca são bruscos os seus gestos. Encosta as mãos às minhas costas e com a pressão de gola alta força-me a avançar.

Os olhos reconhecem a escuridão e imediatamente se fartam dela.

Deixo-me cair no lugar implicitamente reservado às mães. Dou-me conta de que não se ouve ninguém. O estômago contrai-se e a respiração dá um passo em falso. A dor propaga-se mais depressa no silêncio.

Estou tão cansada.

Consigo ouvir-lhe a voz. A forma arrastada como chamava por mim. Ecos infindos. O pretérito obriga-me a levar as mãos à cara e a forçar os dentes uns contra os outros. Já consigo conjugar os verbos noutra língua e

odeio-me por isso. Massajo lentamente a testa, em deslocções ritmadas contra as pontas dos dedos, sem mexer as mãos. É a cabeça que anda, para trás e para diante. Grito. Só as palmas das minhas mãos me ouvem.

Sinto um molusco húmido em forma de beijo em potência junto à fronteira entre os meus cabelos e o meu rosto, sobre a têmpera direita. Está ajoelhado à minha frente e descansa as mãos sobre os meus ouvidos, como um par de auscultadores. O toque é suave e verdadeiramente reconfortante. Atiro os braços para cima dos ombros dele e só depois os arrumo atrás do pescoço. Seguro o pulso esquerdo com a mão direita como se estivesse a escorregar, como se disso dependesse a minha vida. Abro o corpo para que o abraço se consuma. Nunca estivemos tão próximos. A vida de um filho nunca nos une como a sua morte.

Como o princípio da sua morte.

Não quero morrer. Quero dormir para sempre. Durante quanto tempo conseguimos suportar o que é insuportável?

Eras tão pequeno.

Adormeço de olhos abertos. As pessoas vêm ter comigo. Aceno-lhes, ofereço um sorriso a quem me olha com tempo, seguro a mão do João. Ele fala, deixa-se abanar pelos abraços e safanões emocionados, sorri um sorriso envergonhado para confortar os outros. Inesperadamente, tudo me dói a dobrar, por ele.

Não me voltei a aproximar do caixão desde que chegámos. Estava frio o rosto dele. Uma fotografia a três dimensões. Quero levantar-lhe o corpo junto ao início dos braços e puxá-lo contra o meu. Quero segurá-lo, embalá-lo, pedir-lhe perdão.

Quero que o corpo do meu filho morto me conforte.

A igreja está cheia. O burburinho sabe a leite morno antes de nos deitarmos.

– Em nome do pai, do filho e do espírito santo.

Ao passar pela reentrância, junto à porta que dá para a cozinha, paro. Fixo os olhos na parede. Corro-a até ao tecto, uma e outra vez, mecanicamente. Continuo a procurar, mesmo depois de me lembrar do que

aconteceu, mesmo depois de ter a certeza de que não encontrarei lá nada. Os joelhos falham-me, sem querer. Escorrego, com o rosto colado à tinta fria e insuportavelmente nova, e acabo no chão. Tenho os punhos cerrados, levantados contra a parede, como se estivesse danada com ela. Não sei se as lágrimas são forçadas, fogem-me com tanta força, aliviam-me tão pouco. Choro o medo de que a sua gargalhada deixe de ressoar na minha cabeça. O medo de que só me sobrem as fotografias, depois de dar a roupa dele aos pobres, daqui a quatro anos. Tenho medo de que seja sempre tão difícil como hoje.

Tenho medo de acordar um dia a sentir que já não custa tanto. Medo de não suportar essa culpa.

Canso-me, um longo minuto depois.

O João está caído num banco da cozinha, a cabeça está caída numa das mãos, o ânimo parece ter-lhe caído ao chão. Não me olha, mas sabe onde estou.

Vários suspiros involuntários e intercalados forçam a minha boca a abrir-se. A voz chega clara, nítida, como a paisagem depois de ter chovido.

– Não me lembrava das obras. Pintaram por cima dos traços da altura dele.